

**ISMAEL COUTINHO POETA E SUA HERANÇA:
UM DEPOIMENTO PESSOAL E AFETIVO**

Marcelo Coutinho Vargas (UFSCar)
vargasm63@gmail.com

Não tive a honra, tampouco o prazer, de conhecer, como gostaria, o meu ilustre avô, Ismael de Lima Coutinho, que faleceu em acidente de automóvel em 1965, quando eu mal completara dois anos de idade. Mas, hoje, já professor titulado da universidade federal de São Carlos, com publicações na área de Ciências Sociais e Urbanismo, e poeta bissexto maduro, com dois libretos e alguns avulsos publicados, quero acreditar ter recebido dele uma herança abençoada: o gosto pela leitura e o estudo, pelo aprendizado de línguas estrangeiras e, sobretudo, a sedução da poesia.

Sem negar a influência paterna dos Vargas no meu caráter e na minha trajetória profissional – mineiros, homens de ação e oratória, inclinados à política – foi mesmo dos Coutinho, através da devoção do meu avô às letras e a educação, que herdei verdadeiro amor à palavra, sua força de expressão, sua função comunicativa na promoção do conhecimento e da cultura, do humanismo e do diálogo, para além das desavenças que também possa alimentar. Devoção que buscou cultivar e perpetuar nos alunos e discípulos, incluindo as próprias filhas: como minha mãe, aluna aplicada, formada em línguas neolatinas e fluente no francês, idioma cuja riqueza e sabor me ensinou a apreciar; e sobretudo, minha tia Tereza, profa. Maria Tereza Coutinho Robert que, tendo sido assistente do pai, desenvolveu sólida carreira na mesma Universidade Federal Fluminense, onde além de docente, foi coordenadora de curso e diretora do Instituto de Letras, até se aposentar em dezembro de 1990.

Bendita herança, que recebo de bom grado e coração aberto, do vovô Ismael: a mesma vocação de trabalhar com as palavras e ideias não somente na atividade profissional, mas também como caminho fecundo para o crescimento pessoal ou espiritual (mesmo que eu tenha me voltado para outras ciências humanas, dedicando-me à sociologia e à política, naturalmente sem o mesmo brilhantismo que tanto distinguiu o pai de minha mãe na sua trajetória exemplar).

E, no entanto, para além dos rigores das respectivas disciplinas, descubro com enorme satisfação e curiosidade comungar com meu ilus-

tre antepassado outra vertente, algo misteriosa e inefável, no trato com as palavras: a poesia. Inspirada e cheia de fé, sensível e reflexiva, por vezes irônica, mas sempre lapidada com afinco, tanto na forma, como no estilo e na expressão, a obra poética de Ismael Coutinho se concentra quase toda em duas notáveis coletâneas de poemas (quase todos inéditos), respectivamente intituladas *Bosquejos* e *Silhuetas*. Constituem-se de dois cadernos manuscritos, redigidos entre 1919 e 1925, durante o período de quase dez anos que meu avô, Ismael Coutinho, viveu em reclusão no seminário São José, em Niterói, dos dezessete aos vinte e seis anos de idade.

Nestes cadernos, a poesia se revela plena nos versos do jovem seminarista, antena apurada do mundo, capaz de transcender a palavra via palavra, contando com a sabedoria de certa inocência. Eis aí, pra mim, seu legado mais próximo e mais belo. Sinto-me compartilhando com ele, na sua trilha, noutro tempo, mas na mesma sintonia, um mesmo destino, descrito com fineza mineira por Carlos Drummond de Andrade: *“lutar com palavras, é a luta mais vã; entanto lutamos, mal rompe a manhã”*. É desta luta, no campo da poesia, que pretendo falar, dando-lhes meu testemunho de neto, leitor e poeta.

A luta do meu avô com as palavras foi imensa, dada a sua formação autodidata, a abrangência e a profundidade de seus estudos de línguas e filologia, a longa e brilhante carreira que exerceu no magistério, para não falar de sua breve, mas intensa, atividade prática e discursiva na administração pública, como chefe de gabinete da Prefeitura de Niterói, ou ainda Secretário de Educação e presidente do Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Todavia, quero me deter exclusivamente na sua labuta com a poesia; ou melhor, no seu flerte prazeroso com essa musa multifacetada e fugidia, pois é neste terreno que com ele comungo de uma mesma afeição, vislumbrando nele a origem de certos aspectos do meu temperamento e da minha sensibilidade estética. Com essa ressalva, passo a abordar a obra poética de Ismael Coutinho, recém-descoberta por mim e a maior parte de seus leitores, sejam ex-alunos, estudiosos de filologia e linguística ou familiares.

Ismael Coutinho, flertando com a poesia

Meu avô certamente dedicou bem menos tempo a escrever versos do que teria gostado de fazer na sua lida com as palavras. Já tinha passado dois anos de reclusão no seminário São José, em Niterói, quando, com

19 anos, começou a escrever os primeiros versos de *Bosquejos*. Concluído aos 21, este caderno reúne 77 poemas que Ismael Coutinho escreveu, por assim dizer, com a própria alma, ao refletir com simplicidade de ideias e refinamento de expressão suas inquietações, sentimentos, convicções e questionamentos sobre si mesmo, sua fé cristã e a condição humana diante do mundo. *Silhuetas*, o segundo caderno, foi escrito logo em seguida, dos 22 aos 25 anos, trazendo 58 novos poemas que seguem o mesmo espírito e exibem as mesmas marcas estilísticas. Pode-se observar, no entanto, que esta segunda coletânea abriga versos mais maduros e refinados, cuja lapidação parece ter sido feita com mais paciência e demora.

Como observou no “antelóquio” de *Bosquejos*, ao escrever os versos deste primeiro volume, não pretendia fazer arte, mas antes obedecia a “impulsos instintivos do coração, a manifestações internas, cuja necessidade de exteriorizar-se era evidente”, dada a persistência com que vinham e voltavam a sua mente. Ao vislumbrar na poesia a “linguagem do sentimento”, demonstra desinteresse por ousadias ou inovações estéticas mais sofisticadas, sendo antes um entusiasta da naturalidade e da simplicidade, que considera um requisito da arte.

Assim, mesmo sem adotar o verso livre, seus poemas não se submetem a regras rígidas de métrica ou composição, recusando igualmente “termos afetados” e “frases alambicadas”. São todos compostos por versos rimados, com número regular de estrofes, nos quais busca conciliar clareza e equilíbrio na forma e na expressão. Há sonetos de formato italiano ortodoxo, no número de versos e estrofes, com rimas ricas e expressões eruditas, ao lado de poemas que fogem aos cânones parnasianos, valendo-se, sem constrangimento, de rimas singelas e termos coloquiais. Em todos se observa o mesmo equilíbrio e a mesma musicalidade, que fazem fluir a leitura e sugerem declamação em voz alta. Sensível a este apelo, como poeta, é justamente o que farei a seguir.

Dentre as muitas pérolas encontradas em *Bosquejos*, destaco um poema de rara beleza e candura, que soa singelo sem sê-lo, para lhes recitar e comentar. Trata-se de “A voz do vento”, escrito em 1921.

“A voz do vento”

É noite. O vento lá fora,
Como um mendigo que chora
Sem lar nem abrigo ter,
Solta um ai tão dolorido,
Que, soando como um gemido,
No leito me faz tremer.

Que dor é essa, incontida,
Que em teu peito acha guarida,
Dor intensa, dor enorme,
Que tu curtes em segredo,
Num silêncio morno, quedo,
Quando a natureza dorme?

E o vento desfere queixas,
Das folhagens, as madeixas,
Vergastando, com ardor;
Investe com fúria as portas,
E seus ais, às horas mortas,
Vêm encher-me de pavor

Nas quebradas, seus gemidos
Vão morrer como ganidos,
De cão que de fome chora;
E eu, transido de espanto,
Não posso dormir, enquanto
O vento geme lá fora.

A observar, neste poema, a regularidade e o equilíbrio das quatro estrofes, todas compostas em sextilhas, bem como a musicalidade presente na aliteração do título e na rítmica das rimas. Estas combinam simplicidade e naturalidade, com certo refinamento e elegância, para exprimir o espanto do poeta ante os mistérios da natureza. É um belo exemplo do ideal estético esboçado por Coutinho no mencionado antelóquio ao primeiro caderno.

Do segundo caderno, *Silhuetas*, escolhi “Invocação” para declamar-lhes a seguir; não apenas pelas qualidades estéticas deste poema, no qual se percebe o uso de recursos literários mais sofisticados, sem fugir aos preceitos de clareza nas ideias e equilíbrio na expressão, mas sobretudo por sua temática, que põe em questão a relação do poeta com a musa sempre arisca da poesia. Relação complexa que, confesso, há muito me envolve e fascina. Vamos primeiro ao poema.

Invocação (1922)

Oh!, Musa, deixa a tristeza,
Um canto ao poeta inspira,
Faz vibrar a natureza
Ao doce acorde da lira.

Já vai longo o seu descanso
Quebra essa mudez atroz,
Dá que minha alma ao balanço,
Reviva de tua voz.

Quando o teu verbo eu escuto
Nas horas de calma e cisma
Minha alma, que está de luto,
Vê tudo por outro prisma:

A lua é linda galera,
A boiar num mar em sono,
O verão é primavera,
O inverno resto de outono.

A brisa um sopro suave,
O orvalho pranto do céu,
O barco uma pena de ave
Que vai das ondas ao léu.

O arbusto *setinea umbella*,
O mar planície de armento,
A estrela meiga donzela
A sorrir do firmamento.

O dia um leve sorriso
Que apenas ao lábio aflora,
Todo o mundo um paraíso,
A tarde, filha da aurora.

A vida não tem escarpas,
Plaiño de rosas e arminhos,
Onde vibra o som das harpas
E o canto dos passarinhos.

O sol um vivo brilhante,
Que fulge no azul sem fim,
A morte um sono de instante
E o homem um querubim.

- x - x - x -

Se um pesar teu peito enluta
Oh, Musa, em que tanto cismo,
Ouve o meu pedido, escuta
O que diz um aforismo,

Que a tua dor esvai-se, morre,
Ou te acarreta algum bem:
*Pois é feliz quem concorre
P'ra felicidade de alguém.*

Sem deixar de notar a beleza dos versos, a riqueza das rimas e imagens, ou a elegância do desfecho, com o singelo aforismo, o que mais chama minha atenção neste poema é o que tem de revelador sobre a rela-

ção do poeta com a poesia, e os mistérios desta musa inconstante. Como se entrelaçam na vida e na obra do meu avô, Ismael de Lima Coutinho?

Mais do que ave arisca e fugidia, a musa que atrai e visita os poetas, me parece, se assemelha antes a uma amante sensual e encantadora. Volúvel e infiel, vai e vem quando bem quer, e se entrega com facilidade ao poeta que a seduz. É jovem Sílfiide que não se rende à corte polida, ao romantismo bem comportado; tampouco sujeita seu tempo a qualquer disciplina. Quer fugir do Parnaso, acordar na praia; tem horror à rotina. O que a conquista é o desprendimento, a miragem do novo, o convite à aventura, o gozo prolongado do instante. E, no entanto, apaixonada e ciumenta, entrega-se com fervor aos solitários, tímidos, boêmios, ascetas, fugindo a laços familiares e sociais de todo tipo. Pôde muito bem conviver com a religião e a vida monástica do meu avô, mas não aceitou a dedicação com a qual ele se entregou a duas outras musas com ardor muito mais firme e constante: a educação e a filologia.

Depois que deixou o seminário, aos 26 anos, para trabalhar como professor de latim, português, literatura e filosofia em diversos colégios e liceus, públicos e particulares, de diferentes cidades (1º Rio/DF, depois Santo Antônio de Pádua, Campos e Niterói), a musa da poesia, enciumada, afastou-se quase definitivamente do meu avô. Não nego que tenha ousado dar o ar de sua graça nalguns textos de sua prosa, mesmo a científica. Mas, pelo que sei, não escreveu sequer uma dezena de novos poemas desde então, até o fatídico final de sua vida.

Conheceu minha avó, Catarina, ou Mimi, como era chamada pelos íntimos, pouco depois de haver renunciado ao sacerdócio. Casou-se com ela em 1929, no mesmo ano em que ingressou na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, onde se formou Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 1932. Tiveram sete filhos, trinta e dois netos e mais de quarenta bisnetos.

Meu avô trabalhou arduamente como professor, tendo desenvolvido brilhante carreira acadêmica desde que ingressou no magistério superior em 1947, como um dos fundadores da Faculdade Fluminense de Filosofia, instituição privada que viria a ser incorporada à atual Universidade Federal Fluminense em 1960. Produziu um conjunto admirável de textos de filologia, do qual se destaca sua obra principal, *Pontos de Gramática Histórica*, publicada pela 1ª vez em 1936, e reeditada inúmeras vezes, desde então, com forte e duradoura repercussão em sua área. Saiu-se admiravelmente bem na sua luta com as palavras no campo da educa-

ção e da ciência das línguas, mas perdeu contato com a musa do Parnaso, com a qual flertara em sua juventude reclusa. Aposentado, seguro ao lado da esposa, missão cumprida com os filhos, dono do seu tempo, com os ímpetos da juventude refreados pela experiência, teria podido, quem sabe, reencontrá-la com a serenidade adquirida no outono da vida. Lamentavelmente, esta foi ceifada precocemente já no início desta etapa, roubando-lhe preciosos anos de vida, e a mim a oportunidade de tê-lo conhecido mais fundo, ter compartilhado de seus conhecimentos e sabedoria. Felizmente, ficaram conosco sua obra, seus versos e seus valores que, de certo modo, têm se perpetuado de muitas formas em muitos descendentes, parentes ou não.